



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7518 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 21 - Educação e Relações Étnico-Raciais

CONSTRUINDO UMA METODOLOGIA PARA MAPEAR AS ANDANÇAS DOS PATAXÓ PELO TERRITÓRIO

Karla Pádua - UEMG - Universidade do Estado de Minas Gerais

Maria Clara Fernandes Rarez - UEMG - Universidade do Estado de Minas Gerais

Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPq

CONSTRUINDO UMA METODOLOGIA PARA MAPEAR AS ANDANÇAS DOS PATAXÓ PELO TERRITÓRIO

Este trabalho resulta de uma pesquisa intitulada *Memória e territorialidade em narrativas de professores/as Pataxó*, que tem como objetivo mapear as referências da paisagem e os lugares de memória, presentes em narrativas orais acerca dos caminhos de circulação pelo território entre a Bahia e Minas Gerais, na área conhecida como Atlântico-Leste. Para isso, usamos como instrumento principal de coleta de dados a entrevista narrativa com professores indígenas da aldeia Muã Mimatxi, localizada em Itapeçerica-MG. O interesse por essa temática emergiu em trabalhos anteriores com esse grupo de professores indígenas, nos quais foram apresentadas referências a esses percursos ancestrais desse povo e do próprio grupo que constituiu essa aldeia, vindo de Barra Velha-BA.

Começamos a pesquisa com a realização de duas entrevistas narrativas, como uma primeira etapa da pesquisa. A análise desse primeiro conjunto de materiais trouxe vários elementos importantes para a compreensão desse processo histórico, no entanto, pretendemos também realizar o mapeamento de tais percursos no próprio território, com a participação dos indígenas. Mapear referências inscritas na paisagem do chamado “Sertões do Leste” é parte hoje do desejo de grupos Pataxó e Maxacali. Esses dois povos, desde os tempos coloniais, transitavam entre a Bahia e Minas Gerais, subindo e descendo pelos rios e se embreando pelas matas. Para registrar essa memória histórica, presente nas narrativas orais, é necessário refazer com eles esses caminhos, assim como também seguir uma metodologia específica já experimentada em outros projetos. Chamada de cartografia participativa, esta metodologia permite conectar narrativas orais e caminhadas para refazer caminhos trilhados no passado.

Esta metodologia específica foi sistematizada no livro organizado por Andrello (2012, p. 14) no qual o autor defende a ideia de que “viajar no espaço é, por isso, viajar no tempo, e ler na paisagem os eventos dos tempos passados”, uma forma de retomar o conhecimento dos antigos, muitas vezes perdidos ou perdidos em parte que, encontra-se distribuído ao longo desses caminhos percorridos em sucessivas viagens. Quando se viaja junto com os índios pelos rios e caminhos da região, registrando e produzindo mapas e narrativas que emergem do

contato com a paisagem, isso favorece o diálogo com as histórias contadas pelos mais velhos e estimula os mais jovens a se envolverem na proteção dos conhecimentos tradicionais. Esse tipo de iniciativa que visa promover registros do conhecimento inscrito na paisagem, envolvendo pesquisadores indígenas e não indígenas, estimula o diálogo intercultural, possibilita a pesquisa sobre a própria cultura e colabora para o processo de formação dos estudantes. Uma possibilidade é abastecer a escola com essa memória social inscrita na paisagem natural associando a história e a geografia, por meio da exploração de elementos como os percursos dos rios, serras, pedras, matas, articuladas com as narrativas orais.

Observamos esse tipo de conexão nas entrevistas narrativas realizadas e que se encontram em processo de análise. Nelas, os/as professores/as indígenas entrevistados/as destacaram alguns elementos da paisagem em suas memórias sobre os caminhos percorridos em sua primeira viagem para Minas Gerais. Entre eles, podemos destacar, algumas cidades, rios e serras. Acerca da importância dessas memórias e narrativas dos mais velhos, Thompson (2002, p. 15) ressalta que “a história oral pode nos contar isso, não só sobre esses grupos, como também sobre uma interminável gama de grupos migrantes, no Brasil ou em qualquer lugar do mundo”. Por meio desse exemplo sobre migrantes, categoria problematizada nas entrevistas, é destacada a relevância da oralidade para melhor compreensão de certo assunto, ou como no nosso caso a preservação da memória e conhecimentos desse povo. Nessa perspectiva, a prática da oralidade associada às viagens, realizadas com a intenção de refazer os percursos históricos, auxiliam a compreensão e reconstrução dessa memória coletiva e individual, assim é como se cada viagem significasse o reviver do que ocorreu nas primeiras viagens ancestrais.

A prática de viajar no espaço é como viajar no tempo, na memória e na paisagem, é um exercício que permite a leitura de eventos ocorridos em tempos passados, como ressaltou Andrello (2012). Este processo de registrar saberes e lugares, presentes na memória dos antigos, além de servir para a sensibilização das novas gerações, também pode colaborar para o seu reconhecimento como patrimônio cultural imaterial e para o desenvolvimento de materiais didático-pedagógicos. Para isso, é necessário associar às narrativas feitas em locais de destaque na paisagem e possivelmente com significação mítica com o registro fotográfico e filmico.

Além disso, segundo Andrello (2012), é importante localizar sobre uma base cartográfica previamente preparada os lugares que dizem respeito às histórias narradas, utilizando mapas base, com hidrografia e toponímia das áreas antigas e atuais. Todo esse processo de registro das referências culturais, paisagísticas e cosmológicas nos mapas envolve várias oficinas e encontros. Tendo em vista a variedade de referências que emergem nas oficinas, é necessário selecionar aquelas mais significativas do ponto de vista dos grupos envolvidos. O autor ressalta a importância da conexão entre a paisagem e a narrativa, por meio dos registros e relações de trechos de narrativas ao que foi visto e experimentado em viagens passadas. A inclusão dos elementos da paisagem nas cartas geográficas não pode prescindir desse trabalho da memória, daí a importância da presença de velhos junto a jovens pesquisadores no momento das expedições como forma de relacionar as narrativas e as práticas referentes aos lugares. Dessa forma, a transmissão oral ocorre de maneira direta quando relacionada à vivência prática. É com base nessa metodologia sistematizada por Andrello (2012) que pretendemos complementar as narrativas orais com as mensagens deixadas em lugares estratégicos e que seguem como registros históricos das andanças antigas dos indígenas pela região conhecida como Atlântico-Leste.

Dessa forma, podemos concluir que a história encontra-se inscrita na paisagem, por meio de referências constantes a localizações geográficas. Nesse sentido, podemos considerar esses diferentes modos de marcar a história na paisagem uma forma de escrita, entendida em

um sentido mais amplo, e funcionam como sistemas de memória. Assim como as narrativas orais, os lugares servem como veículos e manifestações de conhecimento ou pensamento e as viagens de um lugar para outro constituem sequências narrativas, ou seja, podem ser consideradas como diferentes partes ou manifestações de uma mesma e única entidade (p. 145). Como sistemas de memória ou dispositivos mnemônicos, lugares e referências na paisagem funcionam como elementos impressionantes ou surpreendentes, que servem para capturar o olho ou engajar a imaginação. Assim, os rios e as serras emergiram nas narrativas dos/as professores/as entrevistados/as como elementos que se destacaram como salientes na paisagem, tais como algumas cidades, que marcaram as paradas e guiaram as andanças dos viajantes. Ao mesmo tempo, representam traços dos ancestrais, aspectos ou dimensões do passado que fornecem uma ponte com o presente (ANDRELLO, 2012).

Palavras-chave: Narrativas orais. Povos indígenas. Cartografia participativa. Andanças pela território.

REFERÊNCIAS

ANDRELLO, G. (Org.). *Rotas de criação e transformação: narrativas de origem dos povos indígenas do rio negro*. São Paulo/São Gabriel da Cachoeira: Isa/FOIRN, 2012.

THOMPSON, Paul. História oral e contemporaneidade. *História Oral*, 5, 2002, p. 9-28.